

APENAS R\$ 39,90/mês

ASSINE A OESTE

S&P 500 Index	US 100 Cash CFD	EUR to USD	Bitcoin	Ethereum	S&P 500 Index
6,241.6	22,817.7	1.15551	115,625	3,633.9	6,241.6
-95.20 (-1.50%)	-376.60 (-1.62%)	+0.01 (+1.22%)	-125.00 (-0.11%)	-64.30 (-1.74%)	-95.20 (-1.50%)

PUBLICIDADE

🏠 > Artigos > Edição 280 > Já comeu ou deu uma banana hoje?



Foto: Shutterstock

Tenha acesso ao **melhor conteúdo jornalístico independente** de um jeito fácil e rápido!

EDIÇÃO 280

Já comeu ou deu uma banana hoje?

Apesar das ameaçadoras profecias de terrorismos verdes e climáticos, a produção de banana e a agricultura têm tudo para crescer no Brasil e no mundo

[ouça este conteúdo](#)[readme](#)

0:00 1.0x

“Os últimos dias da banana” (*[The last days of the banana](#)*). Não era um filme de cinema e sim o título de um artigo de capa da revista *New Scientist* de 18 de janeiro de 2003 (Vol. 177, Iss. 2378). Devido a doenças e questões genéticas, o articulista previa o desaparecimento da banana em 10 anos: “*The world’s favourite fruit could disappear forever in 10 years’ time.*”

Nada aconteceu. Apesar das ameaçadoras profecias de terrorismos verdes e climáticos, a produção de banana e a agricultura têm tudo para crescer no Brasil e no mundo com novas variedades, tecnologias modernas e ganhos de produtividade. Banana e outros produtos só desaparecerão se o agro retornar ao Neolítico, como propõem alguns “especialistas”. Ou se os bananicultores forem extintos, como [tentam na Amazônia](#) e alhures.

A banana é a fruta mais consumida no Brasil e no planeta. A produção mundial é de 115 milhões de toneladas, em mais de 130 países. No Brasil, quarto produtor mundial, são quase 7 milhões de toneladas. Só a grande São Paulo consome 2 mil toneladas de banana por dia. Na Amazônia, ela não é apenas uma fruta. É alimento de base na dieta da população.

Entrar  

Tenha acesso ao **melhor conteúdo jornalístico independente** de um jeito fácil e rápido!



A banana é mais que fruta: com 7 milhões de toneladas produzidas por ano no Brasil, ela é base alimentar na Amazônia e presença diária nas mesas de muitas famílias | Foto: Shutterstock

Para o falecido arcebispo de Teresina, **D. Celso José Pinto da Silva**, carioca da gema, ela era o fruto perfeito por dez razões: se cair no chão não suja, devido sua casca; é fácil de transportar; para consumir não é preciso lavar; para descascar não requer faca; a casca oferece linhas para retirada; há um pedúnculo para segurar; não solta suco, nem foge da mão; não escorre nos lábios ou entre os dedos, como manga; não tem caroço ou espinhos, nem deixa bagaços, como caju ou laranja e é do tamanho da boca. Era um bispo bem-humorado. Sobre ele, **Jô Soares**, outro carioca, me sugeriu: “Quando disserem vai se queixar com o bispo. O melhor é ir ter com Dom Celso”.

Exemplo da praticidade e qualidade, a banana é um **consumo por tenistas**. Ela possui vitaminas A, B e C; minerais (potássio, fósforo, cálcio, magnésio...); antioxidantes; gorduras; proteínas e fibras. Seus benefícios vão da melhora do humor, à saúde cardiovascular e ao combate a câimbras. Um fruto completo, a ser dado a crianças em mingaus ou *in natura* até no consumo diário por idosos.

Tenha acesso ao melhor conteúdo
jornalístico independente de um
jeito fácil e rápido!

íveis,

plantarum. Por homonímia, homenageou Antonius Musa, médico do imperador Augusto. E evocou musas gregas, as nove divindades mitológicas da criatividade e busca pelo saber. Seu templo era o *Museion*. Origem de *museu*, local de cultivar e preservar artes e ciências. O nome científico inicial elevou-a ao Éden, como Árvore da Vida: Musa paradisíaca, hoje associado à banana-da-terra.



Mais do que fruta, a banana carrega história, mitologia e ciência: da Musa paradisíaca ao museu, seu nome é um tributo à criatividade, saber e à árvore da vida | Foto: Shutterstock

Apesar de suas conotações sexuais, a banana não faz sexo há quase 10 milhões de anos. Ela é estéril e vem da hibridação natural de duas espécies (Musa acuminata e Musa balbisiana), lá no Sudeste Asiático. As duas espécies ainda possuem reprodução sexuada. Seus frutos são pequenos, com pouca polpa e grandes sementes. A nova variedade, com fruto maior, estéril, sem sementes, passou a ser cultivada por multiplicação vegetativa (mudas), até hoje.

Tenha acesso ao melhor conteúdo
jornalístico independente de um
jeito fácil e rápido!

fá''

ns

arqueológicos do cultivo foram encontrados na Malásia e datados de 3000 a.C., no Paquistão de 2500 a.C. e na Índia Central de 600 a.C.

Ela chegou ao Brasil no século XVI pelos portugueses, responsáveis pela difusão no mundo do nome banana, de origem **bantu**. Não foi um processo casual. A Coroa Portuguesa já possuía experiência consolidada em seleção e melhoramento de frutas: o processo de “educação” de plantas. A ponto de Luís de Camões evocar o melhoramento obtido no pêsego (*Prunus persica* L.) em ***Os Lusíadas***, no Canto IX – Estrofe 58:

*“O pomo que da pátria Pérsia veio,
Milhor tornado no terreno alheio.”*

A introdução seguia etapas. Primeiro, cultivavam e observavam as bananas e outras espécies numa rede de jardins de aclimação ou de “educação” de plantas em Goa na Índia e nas ilhas do Atlântico: Madeira, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe. As melhores mudas, mais produtivas e sadias, sem pragas e doenças existentes nas terras de origem, foram trazidas ao Brasil.

Tenha acesso ao **melhor conteúdo jornalístico independente** de um jeito fácil e rápido!



Trazida ao Brasil no século XVI, a banana foi cuidadosamente selecionada pelos portugueses em jardins de aclimação — uma “educação” de plantas que transformava o fruto em símbolo de excelência tropical | Foto: Reprodução

Em 1563, o médico de D. João III, **Garcia d’Orta**, amigo de Martim Afonso de Souza e Luís de Camões, após trinta anos de observações, experimentos em seu horto botânico em Goa e de viagens de coleta no Oriente, publicou uma ampla revisão científica dos compêndios de botânica da Antiguidade e Idade Média. Seu livro **Colóquio dos simples, drogas e coisas medicinais da Índia e assim de algumas frutas achadas nela...**, indicava espécies selecionadas e introduzidas no Brasil (**Revista Oeste, Edição 99**).

Esse procedimento evitou introdução de doenças. A doença da **Sigatoka Amarela** chegou a Fidji em 1923 no distrito de Suva; chegou ao Suriname em 1932; no Brasil em 1933 em São Paulo e na Amazônia em 1944. A **Sigatoka Negra** é pior: além de atacar folhas jovens da bananeira, como a Sigatoka Amarela, atinge também as velhas. Surgiu em Fidji em 1963; chegou a Honduras em 1972; no **Amazonas (Tabatinga) em 1998**. O **Mal-do-Panamá** surgiu no Havaí em 1904. Em 1930, chegou em Piracicaba (SP). Está em todo o Brasil. Da enorme *diversidade* tropical americana surgiu a bactéria *Ralstonia*

Tenha acesso ao melhor conteúdo jornalístico independente de um jeito fácil e rápido!

O caminho para enfrentar as doenças é manejo da cultura, defensivos e criação de variedades resistentes. Problema: a maioria das variedades de banana é estéril. Não há como usar a reprodução sexuada, o cruzamento de espécies, para obter variedades resistentes a pragas e doenças, com produtividade e qualidade dos frutos. A genética da banana é complexa (**triploide**). Seu melhoramento é diferente da seleção de feijão, milho, soja ou laranja. Nesses casos, a reprodução sexuada permite cruzamento e novas genéticas. Na banana, obter novas variedades é bem mais caro e difícil.

Os pesquisadores fecundam manualmente, com um pequeníssimo grão de pólen de uma espécie com alguma característica de interesse, cada ovário da banana cultivada. De cada 1.000 grãos polinizados, um trabalho enorme, obtém-se apenas uma ou duas sementes. São plantadas e observadas para avaliar se as plantas obtidas (**genótipos**) têm as características desejadas.

A pesquisa agropecuária brasileira já produziu **dezenas de variedades resistentes a pragas e doenças**, utilizadas pelos bananicultores. Em muitos casos, ainda é necessário erradicar pomares e recorrer ao uso de fungicidas. Na **Costa Rica chegam a 50 aplicações** e no Equador a 30, num ciclo. Em São Paulo e Santa Catarina, são cerca de 15 aplicações. Muitas vezes realizadas por aviação agrícola, drones, **sensores multiespectrais** e equipamentos motorizados. Pequenos agricultores não têm condição de utilizar essas opções. A Embrapa desenvolveu uma técnica de **aplicação manual de fungicida na axila da segunda folha da bananeira** adequada aos pequenos produtores, capaz de c

Tenha acesso ao melhor conteúdo jornalístico independente de um jeito fácil e rápido!

Sobre possíveis doenças futuras, vindas de outros países, a Embrapa realiza programas de **melhoramento preventivo**: seleciona variedades resistentes a doenças aqui inexistentes. Plantas obtidas são enviadas a África ou Ásia e cultivadas onde existe a doença para ver se resistem. O Brasil passa a ter alternativas para enfrentar eventuais problemas futuros.

híbridos, com alto potencial produtivo, homogêneas e com características desejadas pelo agricultor.

A banana não se vende mais “a preço de banana”? No passado, a população era menor e a produção próxima do consumo. Hoje, há demanda por banana em todo o país. O custo de produção cresceu, sobretudo com mão de obra. Também onera a questão sanitária, adubos, defensivos e transporte, numa cadeia com muitos intermediários. As margens dos produtores são pequenas. Ainda é uma das **frutas mais acessíveis** e baratas.



Mesmo com custos crescentes e margens apertadas, a banana “a preço de banana” já virou história | Foto: Reprodução

Tenha acesso ao **melhor conteúdo jornalístico independente** de um jeito fácil e rápido!

vender a

A produção de banana precisa crescer. Muito. Todos estados produzem bananas. A produtividade média é baixa: 15 ton/ha. Poderia ser o dobro. O Amazonas importa 70% da banana consumida de São Paulo, Mato Grosso, Roraima e Acre. A logística é cara. Sua população é penalizada e paga um custo maior por um alimento básico. Não

um milhão de toneladas, 46 mil hectares e rendimento médio de 22 ton/ha, fatura dois bilhões de reais/ano.

A extinção da banana, prevista pela *New Scientist*, **era exagero**. Como é o terrorismo verde, climático e midiático com profecias apocalípticas sobre o fim da agricultura e do planeta. Não ocorreu o vaticinado à banana, apesar das dificuldades genéticas do melhoramento. O setor avança, com variedades resistentes criadas pela pesquisa e a proatividade de produtores e empresas. Investem em tecnologia e inovam nos sistemas de produção e pós-colheita. Para lá da COP30, com seus ares de **república das bananas**, os pequenos bananicultores na Amazônia, sem apoio, ameaçados de extinção pela sanha estatal e ambientalista antropofóbica... *re-existem*. **Yes! Ainda temos bananas**.

Leia também **“Eugenismo ambientalista”**

Gostei 2

Não Gostei 0



0 comentários

Comentários e

Tenha acesso ao **melhor conteúdo jornalístico independente** de um jeito fácil e rápido!

Entre ou **assine** para enviar um comentário.
Ou **cadastre-se** gratuitamente

Nenhum comentário para este artigo, seja o primeiro.

Anterior:

Os perigos da internet

Próximo:

Imagem da Semana: o mistério de Galápagos

Tenha acesso ao **melhor conteúdo jornalístico independente** de um jeito fácil e rápido!



Newsletter

Seja o primeiro a saber sobre notícias, acontecimentos e eventos semanais no seu e-mail.

Cadastrar

OESTE

A primeira plataforma de conteúdo cem por cento independente do mercado. Jornalismo de excelência, focado em

Tenha acesso ao **melhor conteúdo jornalístico independente** de um jeito fácil e rápido!

INSTITUCIONAL

EDITORIAS



Dúvidas Frequentes

Anuncie conosco

Fale conosco

Política de privacidade e termos de uso

Economia

Brasil

Mundo

Tecnologia

Agro

FAQ

Cria uma conta

Assinar a revista

 [Ir para o topo](#)

Copyright © 2025 Revista Oeste. Todos os direitos reservados. CNPJ
19.608.677/0001-35

Tenha acesso ao **melhor conteúdo
jornalístico independente** de um
jeito fácil e rápido!

